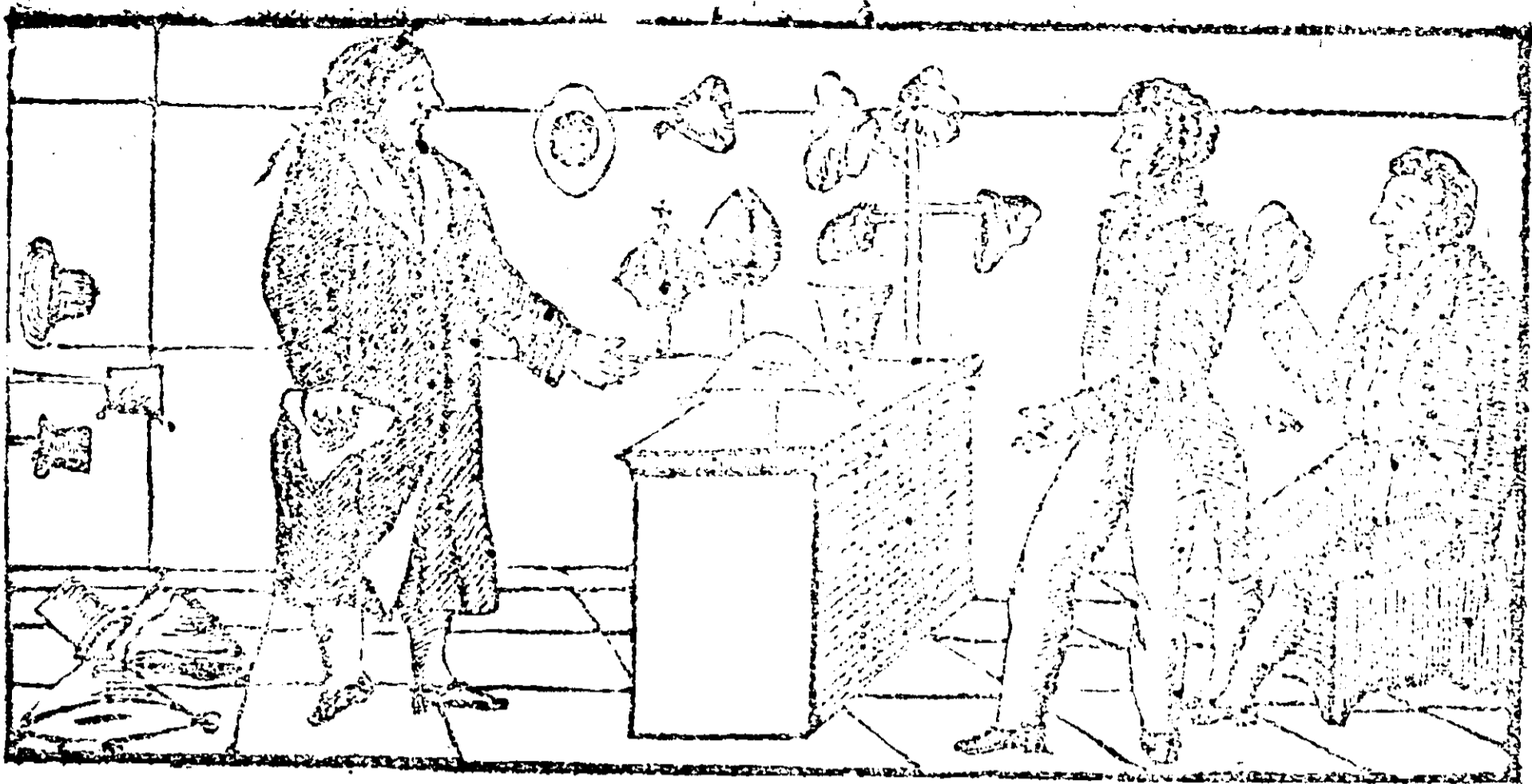


O
CARAPUCEIRO

25 DE NOVEMBRO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

*O principio da honra he fraco
esteio da Moral.*

Os Philosophantes do Seculo passado, a escola Materialista, e Atheista, e quantos tem procurado combater a saudavel doutrina da consciencia, do dever, &c., conhecendo por outra parte a necessidade de dar à Moral hum motivo, ou antes hum estímulo poderoso, recorrerão ao vocabulo *Honra*, e disserão unisonos "Religião he invento dos homens: consciencia, dever, justo, e injusto he tudo chimera de imaginações fracas, ou d'astutos impostores, que sempre buscarão governar os homens, como rebanhos de carneiros. *Dor, e prazer* eis os dous unicos moveis das acções humanas: tudo, que nos dá gosto, he justo, he bello, he conveniente; tudo, que nos causa dor, he injusto, indecoroso, &c.: para que nos abstenhamos das más acções basta a noção de honra; basta reflectirmos, que taes actos nos grangeão o desprezo, e odio dos nossos concidadãos." Tal he a doutrina corrente dos Hobbes, dos Diderots, dos Helveticos, dos Volneys, dos Holbacs, dos Ben-

thams, &c. &c.

Que fragil base dão taes senhores à Moral! Em verdade o que he honra, se não a estima, q' os outros prestão às nossas boas acções? Logo naquellas acções, que escaparem à vigilancia das leis, e à curiosidade do proximo, n'aquellas acções, que não tiverem por testemunhas, se não os olhos d'Aquelle que escruta os corações, e penetra até os rins, do que serve o pensamento da honra? Suponhamos hum desses Philosophos materialistas grandemente apaixonado pela formosa esposa do seu melhor amigo (se he, que pode ter amigos quem não crê em Deos): suponhamos, que possa ultimar os seus criminosos desejos sem que o saiba o esposo, sem que o saiba mais ninguém; accaso será capaz de o conter por hum só momento a ideia da honra? Será esta poderosa no animo d'aquelle, que poder defraudar os bens da viuva, assenhorear-se dos do orfão, &c. sem que se lhe possa provar o furto? Será sufficiente a honra para reprimir o braço d'aquelle que o tem levantado para arrancar a vida ao seu inimigo, tendo

MUTILADO

além da certeza de que o seu crime, não só ficará impune, senão que será ignorado de todo o mundo? Ah! Se a mesma crença em as verdades terríveis da Religião muitas vezes nos não contém, e não põe diques à torrente caudalosa das paixões; como o fará huma cousa tão precaria, tão variavel, e tão fallivel, qual he a honra?

Além disto se recorrermos a Historia do genero humano, se attentarmos para a nossa propria experiencia, que pezo deveremos dar a essa tão preconizada honra! Por ventura, discorrendo pelos fastos das Sociedades, vemos nós, que a virtude sempre merecesse a estima, e o galardão dos homens? Qual a sorte de Socrates? Qual o premio do justo Aristides? Que aproveitou a Catião a sua austeridade, a Focião a sua inteireza? Muitos dos maiores homens, que se sacrificarão pela sua Patria, que premio receberão desta? A inveja dos seus rivales, a perseguição dos ambiciosos, a indifferença do maior numero. E o mundo infamou jamais ao rico, e poderoso, por mais criminosas, q' sejam as accções? Não he mister, q' nos lembemos ás idades antigas, nem temos os Annaes de paizes recorramos à historia contemporal, olhemos para o nosso Brazil, e se o desconceito, a deshonra, e a infamia andão a par e passo das más accções.

Comecemos a contemplar o quadro de mais alto. Será ignorado d'alguem no Brazil, que alguns agentes do Poder tem roubado, e delapidado escandalosamente os dinheiros publicos? Que homens, que quasi de nenhuma fortuna gozavão, quando na vida privada, apparecem ricos, e faustos apenas empolgação os Empregos publicos? E qual a deshonra, que se lhes tem seguido? Todos os festejão, todos lhes fazem zumbaias, todos se prezão da sua amizade, as folhas publicas tecem-lhes elogios, a sua probidade anda na bocca das mais brilhantes companhias: onde está o des-

credito de taes homens? O Magistrado F. põe em leilão as sentenças, e neste trafico vergonhoso tem adquirido riquezas, com que mantêm o seu fausto magico: he elle accaso desprezado, mal visto, mal tractado da gente principal? Não certamente: em quanto a pobre viuva chora em hum canto da sua morada de dor a injustiça, que a privou de seus bens, e a reduzio à miseria, e a seus filhinhos; em quanto o innocente orfão jaz esquecido, e privado da herança de seus pais por iniqua sentença desse Magistrado; o rico, o poderoso, o grande frequentão a casa deste, que se vê rodeado da mais brilhante companhia, e consegue tudo quanto pretende. Aonde está pois o estímulo da honra para este homem? Como arrepia a carreira na estrada dos vicios, e dos crimes, se esta para elle he orlada de flores, se ignominia em fim não lh'envenena os dias de sua gloria, e mui presenteira existencia?

Quantos adquirirem riquezas por meios illicitos, quantos, depois de as adquirirem, são flagellos da pobreza, arrastando o pão da innocente bocca do pupillo, e reduzindo à miseria a desamparada. E vemos, que taes monstros de iniquidade, e de avareza incorrão na exacração publica? Pelo desprezo a estima, a consideração, os honrosos, as cortesias parecem crescer com elle na razão directa do augmento dos seus cabedões, sejam ellas quaes forem os caminhos tortuosos, por que os adquirio. Há huma grande falta de generos de primeira necessidade: o ambicioso especula sobre a miseria publica; manda vir farinha, por ex., em que ganha mais de 300 por cento: e por isso observamos, que o homem, que enriqueceo á custa das lagrimas, e dos maiores sacrificios da pobreza, perde os titulos de homem de bem, e incorra no descredito do publico? Ninguém vê tal; antes todos o accõhem, todos o mesurão, todos procurão o seu valimento, e protecção.

MUTILADO

Além disto se recorrermos a Historia do genero humano, se attentarmos para a nossa propria experiencia, que pezo deveremos dar a essa tão preconizada honra! Por ventura, discorrendo pelos fastos das Sociedades, vemos nós, que a virtude sempre merecesse a estima, e o galardão dos homens? Qual a sorte de Socrates? Qual o premio do justo Aristides? Que aproveitou a Catão a sua austeridade, a Focião a sua inteireza? Muitos dos maiores homens, que se sacrificárão pela sua Patria, que premio receberão desta? A inveja dos seus rivaes, a perseguição dos ambiciosos, a indifferença do maior numero. E o mundo infamou jamais ao rico, e poderoso, por mais criminosas, q' seião as suas accões? Não he mister, q' nos remonlemos ás idades antigas, nem que escurtemos os Annaes de paizes estranhos; recorramos à historia contemporanea, olhemos para o nosso Brazil, e vejamos, se o desconceito, a deshonra, a infamia andão a par e passo das más accões.

Comecemos a contemplar o quadro de mais alto. Será ignorado d'alguem no Brazil, que alguns agentes do Poder tem roubado, e delapidado escandalosamente os dinheiros publicos? Que homens, que quasi de nenhuma fortuna gozavão, quando na vida privada, apparecem ricos, e faustos apenas empolgão os Empregos publicos? E qual a deshonra, que se lhes tem seguido? Todos os festejão, todos lhes fazem zumbaias, todos se prezão da sua amizade, as folhas publicas tecem-lhes elogios, a sua probidade anda na bocca das mais brilhantes companhias: onde está o des-

credito de taes homens? O Magistrado E. põe em leilão as sentenças, e neste trafico vergonhoso tem adquirido riquezas, com que mantêm o seu fausto magico: he elle accaso desprezado, mal visto, mal tractado da gente principal? Não certamente: em quanto a pobre viuva chora em hum canto da sua morada de dor a injustiça, que a privou de seus bens, e a reduzio à miseria, e a seus filhinhos; em quanto o innocente orfão jaz esquecido, e privado da herança de seus pais por iniqua sentença desse Magistrado; o rico, o poderoso, o grande frequentão a casa deste, que se vê rodeado da mais brilhante companhia, e consegue tudo quanto pretende. Aonde está pois o estímulo da honra para este homem? Como arrepiará carreira na estrada dos vicios, e dos crimes, se esta para elle he orlada de flores, se ignominia em fim não lh'envenena os dias de sua glória, e mui prazenteira existencia?

Quantos adquirirem riquezas por meios illicitos, quantos, depois de as adquirirem, são flagellos da pobreza, arrancando o pão da innocente bocca do pupillo, reduzindo à miseria a desamparada viuvez! E vemos, que taes monstros de deshumanidade, e de avareza incorrãt por isso na exacração publica? Pelo contrario a estima, a consideração, os respeito, as cortezias parecem crescer para com elle na razão directa do augmento dos seus cabedaes, seião altas quaes fazem os caminhos tortuosos, por que os adquirio. Há hama grande falta de generos de primeira necessidade: o ambicioso especula sobre a miseria publica; manda vir farinha, por ex., em que ganha mais de 300 por cento: e por isso observamos, que o homem, que enriqueceo á custa das lagrimas, e dos maiores sacrificios da pobreza, perde os titulos de homem de bem, e incorra no descredito do publico? Ninguém vê tal; antes todos o accõthem, todos o mesurão, todos procurão o seu valimento, e protecção.

A honra mundana he o mais fraco, o mais caduco alicerce, que se pode dar á Moral. Ah! Quantas pessoas virtuosas vivem deslembadas, e até desprezadas, quantas acabão apezada existencia no leito da dor, e da miseria, ao mesmo passo que o rico, o poderoso, o grande, saturados de vicios, andão nos Annaes da Fama, e recebem o incenso da dependencia nos impuros altares da lisonja! Quantas vezes o triste escravo de hum Lord he muito melhor homem, que seu senhor; mas este rouba todos os favores, e attentões; aquelle vive inteiramente ignorado, e geme sob o latigo de seu caprichoso tyranno! Quem há pois, que sinceramente queira assentar a sua virtude sobre hum fundamento tão instavel, tão precario, e incerto? Mas a Philosophia energumena do seculo 18 tinha suas rasões para tanto preciosar a honra, querendo substituíla á consciencia, á Lei do dever, á Religião em fim; por que não sendo a honra outra coisa mais, do que a estima, em que os outros nos tem, mui facil he vestirmos os nossos vicios com a librê da virtude, e gozarmos de veneração, quando não mereceramos a execração da Sociedade. De mais a honra pode adquirir-se pelo fingimento, e hypocrisia; mas a consciencia he juiz inexoravel, perante o qual não há illusões, nem transigencias: a honra está dependente dos outros; a consciencia tem o seu terrivel tribunal dentro de nós mesmos; a honra, mui susceptivel a enganar, muitas vezes concede os seus favores ao maior malvado; a consciencia atormenta com o aguilhão dos remorsos ao Principe mais glorioso, e no meio dos applausos do seu povo: a honra em fim incensa, e lisonja, a consciencia censura, repreheude, e castiga: esses novos Salmones, hidropicos d'orgulho, e escarizos da sensualidade, querião estabelecer o predominio das paixões; e por isso forçoso lhes foi desplantar as saudaveis doutrinas da consciencia, do dever, e a propria existencia de hum Deos, Juiz Supremo, e integerrimo castigador da iniquidade.

Quando a Revolução Franceza fechou os Templos do Senhor, e derrubou os seus Altares, humo tremendo retumbou no seio d'anarchia para fallar de Deos, e da Moral a essas turbas inebriadas, e sangrentas, que lhe escoltavão o carro, proferindo horrorosas blasfemias. A obra dos Philosophantes estava consummada; mas já se vityo além dos factos, cuja logica he irresistivel. Não havia meio de conservar ordem alguma de cousas com os principios famelicos, que haviam destruido a antiga. Os Povos adargados da sua incredulidade, e

do seu direito de exame, podião enfastiar-se das proprias saturnaes da sua furiosa liberdade, e era preciso apparecer huma reacção no espirito da mentira, que chegara muito além de toda a expectação. O novo Idolo da França devia pois aplaudir a queda do Christianismo, e combater ao mesmo passo os principios do Philosophismo, ou ao menos as suas terribes consequencias. Esse Missionario, cujo nome permanece medonho na memoria dos homens, propoz o culto do Ente Supremo, aberração monstruosa no meio das aberrações desses dias de luto, e de desgraças. Tinha esse culto per Ministros a todos os homens, cuja alma se declarava immortal pelo mesmo Decreto; seu templo era a natureza, e seus altares as feiras, onde os tributos da França lacrimosa não alardear o luxo insolente do seu poder. Mas se por huma parte este espectáculo consterna a humanidade, por outra he ao menos curioso o ver em que termos fallava dos Philosophantes o opostolo dessa nova tentativa de regeneração Religiosa; por que no triumpho momentaneo do erro há sempre huma confissão importante da sua propria fraqueza." Esta sceita, dizia esse homem, em materia de Politica ficou sempre a baixo dos direitos do povo; em materia de Moral foi muito além da destruição dos prejuizos Religiosos. Declamavão algumas vezes os seus corifeos contra o despotismo, e erão pensionados pelos despotas: humas vezes fazião livros contra a Corte, e outras fazião dedicatorias a os Reis, já discursos contra os Aulicos, já madrigaes em louvor das amasias destes; elles erão em summa soberbos em seus escriptos, e viz adultores nos palacios dos Grandes. Esta sceita propagou com muito zelo a opinião do materialismo, que prevalece entre os poderosos, e bellos espiritos da moda: a ella se deve em parte essa especie de Philosophia pratica, que reduzindo a systema o Egoismo, concidera a sociedade humana, como huma guerra de velhacaria, o successo, como a regra do justo, e do injusto, a proibidade, como hum negocio de gosto, e de mera decencia, o mundo, como patrimonio dos velhacos astuciosos."

E quem he esse homem, que assim stigmatiza a Philosophia revolucionaria? Quem he esse, que caracteriza-lhe os resultados com tão perfeita clareza de ideias, no meio de todos aquelles, que não chegarão a assentar-se sobre as ruinas da ordem social, se não em virtude dos seus sofismas? Esse Pontifice do novo Culto era o façanhoso Robespierre!!! Que lição para as gerações presentes! Que verdades proferidas por hum discipulo entusiasta, e mimoso do Philosophismo!

Que cousa he honra sem Religião? Que apreço fará da primeira quem não possue a segunda? Que pejo, que receio, que temor terá dos homens quem não tem gravado em seu

coração o Santo temor de Deus? Olhemos para todos os seculos, olhemos para a propria experiencia, e convencer-nos-hemos, que a Religião de Jesus Christo he a fonte das luzes, e da civilisação; que só ella dá força, e gloria aos Imperios; que he o laço mais poderoso para unir os homens, para promover a harmonia, e prosperidade das familias, para sustentar a coragem do homem nos revezes, para subministrar doces consolações, compensações infinitas a os males inevitaveis desta vida: que nada há mais sublime, que a sua Moral, nada mais amavel, e pomposo, que seus Dogmas sua doutrina, e seu culto; que a Religião de Jesus Christo favorece o engenho, apura o gosto, desenvolve as paixões virtuosas, dá calor, e força ao pensamento, subministra nobilissimas invenções ao Escriptor, e modelos perfectos ao Artista; que a Religião do Homem Deus em fim he a unica taboa de salvação nos mares tempestuosos desta vida; que em sua observancia cifra-se toda a honra, toda a gloria, todo o prazer duravel, toda a felicidade humana. Concluirei este Artigo com as seguintes palavras do conde Pecchio na sua Historia da Economia Politica na Italia " He inutil cuidar em Artes, em Agricultura, em Commercio, e em Administracões. se se não euid: em reformar os costumes, modelando-os pelo Evangelho; por que em quanto os homens acharem conveniencia em ser velhacos, não devemos esperar grande cousa dos trabalhos methodicos: assás experiencia tenho destas cousas. "

VARIEDADE.

Apologo do Snr Liekwer.

Certo pai de familia mui honrado, e não menos rico, tinha trez filhos; e querendo antes de sua morte metellos de posse da sua herança, repartio por elles com justiça, e igualdade tudo quanto possuia; e depois de feita a partilha, disse-lhes " Resta-me ainda hum joia mui preciosa, a qual não podendo ser partida, a reservo para aquelle de vós, que melhor a merecer pela pratica d'

alguma acção nobre, e generosa, para o qual lhe dou trez mezes. " Tractou cada hum dos filhos de dar ordem á vida; tomarão differente destino. e quando foi no fim dos trez mezes apparecerão perante seu pai, que tambem fazia de juiz; e eis aqui como lhe fallou o mais velho. " Meu Pai, durante o tempo, que andei por fóra. aconteceu-me encontrar hum ferasteiro, que por certas circunstancias da sua vida se vio obrigado a confiar-me todos os seus cabedaes: elle não exigio de mim nenhuma declaração por escripto, e por tanto não podia nunca justificar, que na minha mão tinha a sua riqueza: eu com tudo não abusei da sua boa fé, e entreguei-lhe fielmente tudo que de mim tinha confiado. E não he esta fidelidade hum accção digna de louvor? " -- Meu filho, lhe respondeu o pai, tu fizeste o que devias; de vergonha morreria eu, se d'outra maneira procedesses; por quanto a probidade he hum dever. a acção, que praticaste, he hum acto de justiça, mas não de generosidade. " Seguiu-se o filho segundo a fallar, e assim disse -- Durante a minha viagem aconteceu-me estar hum dia nas bordas de hum lago a tempo que cahia dentro d'agoa hum menino: dei-me pressa em lhe acudir, e com tanta felicidade, que lhe pude deitar a mão, e salvá-lo na occasião, em que elle já ia afogar-se. " Está mui bem, lhe tornou o velho; mas nessa accção, que praticaste, há só generosidade; falta-lhe ainda a nobreza. -- Veio por fim o terceiro, e tomou a mão dizendo. -- Meu pai, eu encontrei hum vez o meu maior inimigo deitado a dormir sobre hum despenhadeiro, o que creio lhe succedera por ter perdido a noite, e com hũ pequeno empuxão, que lhe desse, far-se-hia pedaços sem que ninguem lhe pudesse valer: a sua vida estava nas minhas mãos; mas eu tive por cousa vil aproveitar-me dessa occasião; tomei por melhor expediente acordá-lo mansamente, e com toda a cautella necessaria para elle não cahir no precipicio, e fui eu mesmo quem o ajudei a livrar d'elle -- " Ah! meu filho, exclamou o bom pai todo transportado em jubilo, e abraçando-o carinhosamente, he ati sem questão, que pertence a joia: eila aqui seja ella para toda tua vida o maior titulo de tua nobreza, e o mais vivo testemunho de minha amisade. "

Pern: na Typ. de M. F. de Farias. 1587.

MUTILADO